

# ELAS VÃO SE AMARRAR!

Conheça o shibari e mantenha sua gata sob controle

REPRODUÇÃO (TENAGALOPHYTHA.BLOGSPOT.COM)



Tudo começou no Japão dos samurais, guerreiros que possuíam, entre suas técnicas, o *hojojutsu*. Considerado uma arte marcial em si mesmo, o hojojutsu foi desenvolvido para controlar, restringir ou impedir os movimentos de um inimigo ou prisioneiro. O elemento essencial é uma corda, que os samurais traziam presa ao cinto.

Depois de subjugar o adversário, o samurai fazia com a corda um elaborado traçado sobre o corpo daquele, lançando mão de diferentes métodos de acordo com o domínio da arte e a intenção – de apenas restringir até imobilizar, ou ainda provocar perda de consciência. O hojojutsu existe até hoje e conta com entusiastas pelo mundo.

Muito interessante, mas o leitor deve estar se perguntando o motivo dessa introdução. É que, ao longo do tempo, algumas pessoas passaram a ver naquelas cordas um quê altamente sensual – e assim nasceu o primo do hojojutsu: o *shibari*!

## Presas do prazer

O shibari se torna interessante por causa de sua finalidade erótica. A ideia é dar prazer ao (à) dominador ou dominatrix, que tem domínio sobre o corpo de um (a) submisso (a) – que, por sua vez, encontra o prazer tanto na sensação de estar à mercê de outrem quanto na compressão das amarras, já que, no shibari, a corda passa em pontos estratégicos e sensíveis do corpo. “Muitas amarras costumam causar uma certa excitação, por passarem por esses lugares”, diz **Mister K**<sup>(1)</sup>, 31 anos, adepto da arte.

A relação com o *bondage*, popular entre o povo do BDSM<sup>(2)</sup>, é evi-

REPRODUÇÃO (WWW.CHARLENO-DANSES.BE)



dente. “Existe o bondage, que é a arte da imobilização erótica e que pode ser feito com várias coisas: algemas, cordas, cintos, etc. Dentro do bondage, existe o bondage com cordas, e, dentro deste, há um tipo muito específico de amarras e nós [...]. É o shibari”, explica Mister K.

O shibari diferencia-se do bondage ocidental porque, ao contrário deste, não se esgota apenas na imobilização: além da já referida compressão estratégica da corda, há a estética. “No bondage ocidental, basta seguir algumas regras de segurança e deixar a criatividade correr solta. No shibari, não: tem de seguir a técnica. É comum utilizar um padrão de cordas com 7 m [...], e nem sempre ele é utilizado para imobilizar. Algumas amarras são feitas para serem ‘usadas’ no corpo, como se fossem uma espécie de lingerie”, diz Mister K.

## Desatando nós

De onde viria, porém, esse “tesão pelas cordas”? O psicólogo e analista do comportamento **João Pedrosa**, 51, dá uma explicação: “Nosso repertório comportamental sexual é alicerçado na infância e adolescência [...]. Numa visão da análise do comportamento, são as contingências passadas que determinam nosso comportamento atual”.

“Vamos a um exemplo”, continua ele. “Um homem [...] associou, através de condicionamento, ser dominado com excitação sexual. Aí, se estabeleceu o comportamento de ser submisso. Na idade adulta, ele refinou esse comportamento, pedindo para ser amarrado, algemado, entre outras práticas. Hoje, se diz adepto do bondage”.

Uma das questões que envolvem o universo BDSM é o fato de que há pessoas que consideram essas práticas bizarras e até doentias. Perguntamos a João Pedrosa se há respaldo para isso.

“Os comportamentos sexuais atípicos ou pouco comuns [...] hoje são chamados de *parafilias*. O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)*, da Associação Americana de

Psiquiatria, que serve de guia para diagnósticos no Brasil, trata das parafilias, que são fantasias, anseios sexuais ou comportamentos recorrentes, intensos e sexualmente excitantes, geralmente envolvendo objetos não-humanos, sofrimento ou humilhação, próprios ou dos parceiros; ou crianças ou outras pessoas sem seu consentimento”.

“O sadomasoquismo”, continua Pedrosa, “é classificado como parafilia no *DSM* [...]. O *DSM* não classifica todas as parafilias, que são inúmeras, apenas: exibicionismo, fetichismo, frotteurismo, pedofilia, masoquismo sexual, sadismo sexual, travestismo fetichista e voyeurismo. Excetuando-se a pedofilia [...], as demais parafilias, desde que não tragam sofrimento para um dos parceiros, danos emocionais a terceiros e sejam algo consentido pelos dois, não devem ser consideradas desvios”.

Vale lembrar que o BDSM é regido pelo princípio do SSC (são, seguro e consensual). Portanto, Mister K. pode dizer, sem medo: “sempre gostei de bondage com cordas. Sempre pesquisei sites, vídeos, revistas, etc. Nos últimos anos, o shibari tem se popularizado por esses canais. Eu comecei a me interessar pela estética que ele tem. Existe uma simetria nas cordas, a pessoa fica realmente bonita [...]. Mulheres amarradas são a minha tara!”.

### Na corda bamba

O site Desejo Secreto ([www.desejosecreto.com.br](http://www.desejosecreto.com.br)) diz sobre o shibari: “A pessoa envolvida no papel receptivo [...] deve ter noção do que é estar imobilizada [...], sem defesa, saber negociar, ter muito respeito próprio, confiança no parceiro – e ambos precisam aprender a se entender da maneira mais completa possível, mas o parceiro ativo [...] também tem muito a aprender e treinar. Precisa ter uma personalidade balanceada e ser capaz de abrir mão de suas motivações pessoais em favor do esforço do ‘grupo’”.

Como dá pra perceber, treino e paciência são essenciais. “Até ter um básico de alicerce no shibari, entre o zero e passar a pesquisar, se informar e praticar até chegar a dominar dez amarras bem aprendidas, diria que pode levar cerca de um ano”, diz Mister K.

Claro que, com esse grau de elaboração, encontrar shibaristas experientes e disponíveis não é fácil – daí, termos entrevistado Mister K. como fonte privilegiada. “Existe uma carência muito grande de material sobre shibari no Brasil”, confirma ele. “A coleta de informações é mais um garimpo. A gente encontra muita coisa em japonês ou inglês, ou acaba aprendendo visualmente mesmo [...] e lendo muita coisa sobre a história do shibari, requisitos de segurança e tal. É possível importar DVDs do Japão, mas ainda tem a barreira da língua. Quem tiver boas noções de inglês pode conversar com gente do exterior, onde a informação é mais acessível”.

No entanto, se você se interessou, mas esse não é seu caso, não se desespere. Mister K., que já deu aulas e *workshops* de bondage básico, deixa seu contato: [misterkrock77@gmail.com](mailto:misterkrock77@gmail.com). Boa sorte e boas amarras!



© LUMAÇA ARTE (REPRODUÇÃO)

### O shibari tem algumas regras básicas:

1. Utilizar cordas muito macias. Não pode queimar nem pinicar. “No exterior, usam corda de juta ou cânhamo. No Brasil, as de algodão são ótimas”, diz Mister K;
2. Imobilizar a pessoa de forma que ela não consiga se soltar, a menos que outra o faça;
3. Garantir a integridade física da pessoa amarrada. Não há o intuito de causar dor;
4. Ficar bonito;
5. Ter uma palavra de segurança (*safeword*), combinada previamente. Quando o (a) amarrado (a) quiser parar, ele (a) a usa. Prefira palavras fora do contexto;
6. Manter os instrumentos de escape – canivetes, facas, tesouras (sempre sem pontas) – por perto.

### Curiosidades

- A diferença entre nós e amarras é que os nós prendem corda com corda, e as amarras prendem a corda em algo – no caso, uma pessoa. E os nós têm nomes próprios!
- “Shibari” significa “amarrar”. A arte se popularizou com esse nome no Ocidente, mas é chamada de *kinbaku* ou *kinbaku-bi* no Japão;
- Embora algumas técnicas do shibari derivem do hojojutsu, o shibari é bem mais suave;
- Ito Seiú é geralmente considerado o “pai” do shibari. Ele começou a estudar e pesquisar o hojojutsu em 1908 e posteriormente o transformou num tipo de arte;
- Uma amarra de corpo todo ou de tronco e braços leva, em média, “uns cinco ou 10 minutos para ser feita, dois a cinco para ser desfeita, e de 10 a 30 minutos de imobilização”, diz Mister K;
- Homens amarram mais. “Por uma questão de gênero [...], o desejo de amarrar e dominar é mais comum nos homens e de ser amarrada nas mulheres”, diz Pedrosa – mas também há mulheres dominadoras e homens submissos.

(1) por motivos de privacidade, o entrevistado utilizou seu pseudônimo usual como praticante.

(2) sigla para bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo.